

# CONCEPÇÕES EDUCATIVAS DE PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO DE SURDOS

---

**IVETE LOULA VASCONCELOS**

Especialista em Deficiência Auditiva UNIASSELVI, [ivete.poli@gmail.com](mailto:ivete.poli@gmail.com).

## RESUMO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa que analisa as concepções de Paulo Freire na perspectiva da educação de surdos, por se tratar do mais célebre educador brasileiro, com vasto aporte acadêmico literário e um dos mais importantes teóricos da educação, suas contribuições são percebidas nas mais diversas áreas. E, a despeito de não ter trabalhado em sua teoria a educação inclusiva, percebe-se nas suas obras importantes contribuições para esta temática. Por abordar o ensinar de modo dialógico, transformador e crítico, de forma que impulsiona o desenvolvimento de métodos e estratégias que possibilite uma educação para todos. Vivemos um momento em que há a necessidade de redizer e reviver a pedagogia da esperança, da autonomia e da libertação defendida por Freire, pela investida notada de não-reconhecimento as diferentes formas de conhecimento. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, através de estudos da educação, principalmente relativos à inclusão. Como resultado, este estudo aponta que as concepções de Freire contribuem com a educação de surdos, à medida que reiteram a necessidade de que o aluno tenha autonomia no seu processo de produção e construção do conhecimento, no que assoma para que os surdos sejam capazes, para de fato fazer parte da sociedade de forma plena e ativa.

**Palavras-chave:** Aluno Surdo, Autonomia, Esperança, Inclusão.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma pesquisa acerca das concepções de Paulo Freire focalizado na educação do aluno surdo. Por acreditar que o mestre deixou grande aporte para a formação emancipatória e autônoma do estudante surdo, que como qualquer outra pessoa, necessita de uma educação de qualidade que o torne capaz de buscar seus objetivos.

Neste sentido, a pesquisa traz como problemática o modo como as opiniões de Paulo Freire contribuem na educação dos surdos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, através de diversos estudos na área de educação. Esta temática é pertinente, pois, se encontram muitos obstáculos para o processo de aprendizagem e promoção da autonomia do aluno surdo. Nesta acepção, este estudo debruça-se sobre o pensamento de Paulo Freire, a fim de assistir à construção de uma pedagogia participativa, pautada em uma didática marcada pelo diálogo e valorização da Língua Brasileira de Sinais, como forma de romper o silêncio nas práticas educativas para discentes com deficiência auditiva.

Na educação especial, vale salientar a importância da pedagogia da esperança para a construção de uma educação pública, justa e democrática na qual, os educadores de alunos surdos, não podem se escusar do contexto de luta que a educação de surdos enfrenta.

Pois, apesar de não falar diretamente da inserção de crianças com necessidades educacionais especiais na escola, a teoria Freireana trata com maestria de aspectos relacionados à inclusão ao retratar o direito de uma educação para todos, onde a esperança, a autonomia, a liberdade, o diálogo e a igualdade de direitos estejam presentes na instituição educacional.

## REVISÃO DE LITERATURA

Há intenso debate sobre Paulo Freire neste ano do seu centenário. Não obstante, este estudo, destaca a idiosincrasia em combater as formas discriminadoras e opressoras de educação no direito do discente surdo na escola. O que aflui no papel ético do professor. Visto que, Freire (1996, p. 59-60) ressalta,

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor

que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que ‘ele se ponha em seu lugar’ ao mais ténue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.

Portanto, para Freire (1987) o professor deve atuar de forma problematizadora com postura respeitosa e gentil, desestimulando qualquer forma de discriminação e respeitando a diversidade; e na não negação da sua capacidade crítica, para que se torne possível sua emancipação e uma ação transformadora da realidade.

É fundamental considerar as necessidades específicas de cada sujeito propondo uma aprendizagem significativa. Pois afinal, “ensinar não é transferir conhecimento mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p.47). Neste entendimento Neri e Barroso (2018, p. 210) destacam,

o pensamento freireano oferece grandes contribuições à educação do sujeito surdo, visto por muitos anos pela sociedade como uma pessoa incapaz até mesmo de pensar, que por meio de inúmeras lutas, experimentou diversas mudanças, de forma a ser reconhecida pela sua particularidade linguística.

No respeito às diferenças, Freire se contrapõe as práticas de exclusão, desde suas primeiras vivências como educador, ao ministrar aulas de reforço para jovens de frágil condição social, e exercitar ações pedagógicas humanizadoras, como destaca o trecho abaixo:

não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. E o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de experiência feito que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço.” (FREIRE, 2002)

O pensamento educativo e filosófico de Freire é contra as práticas que corroboram para uma educação que desconsidere as necessidades linguísticas do aluno, no caso do aluno surdo, este apresenta dificuldades em assimilar coisas abstratas fora do seu campo visual. Para superar esta adversidade, Barroso (2020, p.5) sugere,

A utilização de imagens no processo de alfabetização freireana, é uma característica fundamental desta didática, uma vez que permite com que educandos e educadores possam vislumbrar temas do cotidiano de forma conjunta. Esta união, onde educador educando ensinam e aprendem de forma mútua ecoa no processo de descodificação.

A particularidade linguística da Língua de sinais em ser recebida pelos olhos e reproduzida pelas mãos, com uma estrutura linguística distinta da língua portuguesa, precisa ser considerada. Pois, “os sujeitos surdos [...] têm seus modos de conhecer diferente dos ouvintes, pelo fato de não terem a capacidade de ouvir. (Strobel, 2008, p.22)

Nesta perspectiva, Romão (2010, p.91) discorre que o uso da imagem nos processos educativos compreendidos por Freire, são ponderados como um suporte tão relevante quanto a escrita e a fala. Expediente profícuo, posto que a imagem é um recurso essencial para o surdo em sala de aula, que favorece o entendimento do conteúdo e tornar as aulas mais dinâmicas. A vista disso, Pinho et al. (2012, p.149) sustenta: que os recursos visuais “parecem representar para a pessoa surda, o principal canal de processamento de esquemas de pensamento, por ser capaz de propiciar a aquisição, construção e a expressão de conhecimentos, valores e vivências, que de outra maneira seriam incomunicáveis.”

Carlos e Alcantara (2017, p.46) declaram que embora Freire não tenha desenvolvido uma discussão elaborada, ao recurso da imagem visual, esta não deixou de ser objeto de sua atenção e utilização na prática educativa. Assim, assentimos que a utilização de imagens adotada no processo de alfabetização freireana, precisa ser perfilhada no ensino do aluno surdo, visto que a aprendizagem deste estudante se dá principalmente através da visão.

## CONCEPÇÕES DE PAULO FREIRE SOBRE INCLUSÃO

Freire (2005, p.7) explana que a sociedade porta um afã de dominação de consciência, ao escrever que “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Dado isso, a inclusão esteia por uma pedagogia que

possibilite que os que são discriminados pela sua diferença, tenham assegurado o direito de ocupar seu espaço na sociedade.

De acordo com, Garcia e Abreu, (2018, p.6), “a filosofia educacional política presente nas concepções de Paulo Freire não é somente para os alunos com necessidades educativas especiais e os demais excluídos, mas sim para todos, sem exceção.” As convicções de Freire impetram numa autentica pedagogia da inclusão por ser fundamentada numa abordagem libertadora.

Neste processo inclusivo, existem diversos fatores do cotidiano escolar que se constituem em dificuldades, como Freire e Shor (1986) afirmam: os professores enfrentam aulas demais, alunos demais, e controle administrativo demais de modo que a necessidade de funcionamento em classe é muito maior do que a aparente teoria.

As concepções de Freire, postulam-se em uma abordagem libertadora, ao reconhecer e respeitar as diferenças que constituem os seres humanos. Esta cordialidade apontada no contexto educativo freiriano, é fruto da deferença de praticas educativas que precisam ser empregadas na sala de aula com o aluno surdo.

Segundo Freire (1967) pedagogia e política precisam caminhar de mãos dadas, em uma didática reflexiva. Pois, “a reflexão e a ação das pessoas sobre o mundo é fundamental para a transformação da realidade.” (Miranda et al, 2017, p.152). Educação é um ato político que transforma a vida dos sujeitos com o processo do educar e do aprender.

Ao falar em inclusão do surdo, faz-se necessário evidenciar a influencia do diálogo nas relações em sala de aula que tornam o aprendizado eficiente. Visto que, sem comunicação não há ensino. A Comunicação é diálogo, e este diálogo, na concepção freireana, consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas na relação (GADOTTI, 1996, p. 81). No que tange à relação, Freire (1967, p. 107) expõe que ela,

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo, instala-se então uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

O processo dialógico torna viável que se descubra os saberes e esta descoberta permite que se rompa o mutismo imposto por uma educação discriminatória. Pois, “somente homens e mulheres como seres abertos, são

capazes de realizar a complexa operação de simultaneamente transformando o mundo através de sua ação.” (Freire, 1982, p.65) Este processo, é manifestado por meio da linguagem. E, no que diz respeito à pessoa surda, este se dá, por meio da língua brasileira de sinais.

Por meio da linguagem, é possível atuar no mundo, e gerar novos saberes permitindo uma reflexão sobre sua presença no mundo. Posto que, “a consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros.” (FREIRE, 2014<sup>a</sup>, p.44). Logo, essa leitura do mundo, promove a conscientização acerca dos problemas para a compreensão e conhecimento da realidade.

## A EDUCAÇÃO DE SURDOS SOB A ÓTICA DE FREIRE

Para Freire (2008) o ensinar-aprender deve estar voltado para que o aluno tenha autonomia no seu processo de produção e construção do conhecimento. E principalmente, ter a capacidade de estabelecer relações que determinam a liberdade individual em gerir sua vida.

Difícil conceber autonomia do aluno surdo no contexto escolar da educação tradicional prescritiva, com normas que determinam o que é apropriado. Em que, “toda prescrição é a imposição de uma consciência a outra.” (FREIRE, p.19, 1987). Esta relação hierárquica composta pela figura opressora do educador, detentor do conhecimento, e o educando, passivo que recebe os conteúdos sem o direito de questionar.

Neste cenário impositivo, “o brasileiro vem sendo abraçado por heranças coloniais: a do silêncio e da resistência a ele, a da busca da voz e da rebeldia” (FREIRE, 2003, p. 122). É complicado se colocar no lugar do surdo e imaginar todas as barreiras que representam o grito do silêncio e da resistência a ele.

Os princípios que norteiam a prática educativa de Paulo Freire, de humanização, dialogicidade e emancipação, contribuem na assessoria da autonomia do sujeito em processo de aprendizado. No presente caso, o sujeito em estudo é o surdo, que para (QUADROS, 2008, p.27) seu processo de aprendizagem se dá por meio de sua língua a LIBRAS seguida da língua portuguesa na modalidade escrita.

Certamente na construção da autonomia, é importante que o surdo assumira uma postura que estimule outros surdos, potencializando sua inclusão em variados grupos, expressando a sua cultura. Visto que, “o ser humano

se sabe presença, que intervém, que transforma que fala do que faz, mas também do que sonha.” (Freire, 2002, p.10).

Ainda segundo o intelectual pernambucano, a educação não pode estar dissociada da práxis social. Não obstante a práxis como uma atividade de interação perpassa por uma relação dialógica e interativa. Conquanto esta interação, Para Vygotsky (1988) é mediadora do processo de aquisição cognitivo que se dá através da linguagem. As pessoas surdas fazem uso da linguagem não verbal.

Afinal, a linguagem além de ser um meio de comunicação resultante do desenvolvimento humano e social, é primordial para o desenvolvimento do saber, de valores, normas e condutas. Vê-se que, as pessoas surdas se comunicam através de gestos, numa linguagem própria, feita através de sinais. Nesta direção, a “Língua de Sinais pode garantir ao surdo o desenvolvimento da linguagem.” (ZUCOLOTTO ET AL., 2019, p.136)

## **A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**

Freire (2008) defende o ensinar-aprender voltado para que o aluno tenha autonomia no seu processo de construção do conhecimento, fundamental na prática docente crítica (progressista), na qual o indivíduo é quem constrói sua própria história.

A respeito da autonomia do educando no seu processo de construção do conhecimento, Freire (1996) aborda que ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Pois o conhecimento do mundo tem historicidade. O que significa dizer:

não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar o seu saber de experiência feito. [...] a compreensão de sua presença no mundo. [...] Se, de um lado, não posso me adaptar ou me “converter” ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impôr-lhes arrogantemente o meu saber como o verdadeiro. (FREIRE, 1996, P. 81)

Para Wrege (2014) a linguagem do professor contribui no desenvolvimento da autonomia do aluno. E, sem linguagem não há estruturação do pensamento e “para um sujeito ter a capacidade de construir um pensamento crítico, a partir do qual terá autonomia para refletir e se posicionar



a respeito do mundo, é necessário que este possua algumas habilidades. Dentre estas, com certeza, encontra-se a habilidade lingüística.” (Santos, 2009, p.65). Assim sendo, não é possível pensar numa prática educativa para o surdo sem considerar o desenvolvimento lingüístico.

Em vista disso, o desenvolvimento lingüístico do aluno surdo depende de práticas educativas subordinadas a políticas públicas que deveriam reconhecer que a LIBRAS garante um processo educativo progressista do discente surdo. Nunes (2015, p.542) reforça essa convicção ao afirmar,

mesmo com a melhora dos índices de admissão de alunos surdos no ensino em geral, a quantidade de pessoas surdas fora dos bancos escolares ainda é grande, o que demonstra a necessidade de políticas públicas para atender os surdos e suas famílias, bem como capacitar professores e demais atores escolares para esse atendimento.

Machado et al, (2017, p.24) ressalta que para Freire, o tema da diferença está articulado com a humanização do mundo. O reconhecimento e o respeito à diferença englobam, no prisma freiriano, a abertura para um diálogo mais amplo em que “aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não pode se dar.” (FREIRE, 1997, p.136).

De acordo com Freire (1996) o desenvolvimento da autonomia se dá respeitando a liberdade de tomada de decisão. Na capacidade para decidir sobre aquilo que ela julga ser o melhor para si, a autonomia de cada sujeito é um imperativo ético e não algo que se pode ou não oferecer uns aos outros.

## **A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA**

Com base nas idéias freireana de esperança, se desenha uma pedagogia como possibilidade de transcender o adestramento técnico, baseado apenas em conteúdos informativos, investindo, também, nas capacidades de indignação. Paro et al, (2020, p.9) justifica que “as relações excludentes e de injustiça, a leitura da realidade pode suscitar uma miríade de sentimentos envolvendo espanto, rebeldia, inconformismo, raiva, mas também coragem, ousadia e esperança.”

Com o intuito de dissociar a esperança de uma atitude passiva, como se fosse a simples espera por algo bom que está por vir, na medida em que a indignação e a esperança se justificam quando são mobilizadoras de

mudanças. A Pedagogia da Esperança conjectura a possibilidade de construção de um novo saber, por via da formação de sujeitos críticos.

A educação crítica é a 'futuridade' revolucionária. Sendo profética – enquanto tal, portadora de esperança –, corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres capazes de se superar, que vão adiante e olham o futuro; seres para os quais a imobilidade representa um risco fatal, para os quais olhar o passado deve ser apenas um modo de compreender com maior clareza quem eles são e o que são para poder construir o futuro com mais sabedoria (Freire, 2016b, p. 134).

A educação de surdos no Brasil tem enfrentado muitas lutas e nas palavras de Freire, não há luta sem esperança “luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político.” (FREIRE, 2011b, p. 16) diz mais,

Minha esperança é que, experimentando-se livremente em administrações abertas terminem por guardar o gosto da liberdade, do risco de criar e se vão preparando para assumir-se plenamente como professoras, como profissionais entre cujos deveres se acha o de testemunhar a seus alunos e às famílias de seus alunos, o de recusar sem arrogância, mas com dignidade e energia, o arbítrio e o todo-poderosismo de certos administradores chamados modernos. Mas o dever de recusar esse todo-poderosismo e esse autoritarismo, qualquer que seja a forma que eles tornem, não isoladamente, na qualidade de Maria, de Ana, de Rosália, de Antônio ou de José. (Freire, 1997, p. 11).

Uma educação que propicie ao sujeito surdo a participação efetiva na sociedade. Pois, “não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados.” (FREIRE, 1992, p.11), esta possibilidade faz parte da natureza pedagógica do processo de inclusão.

Assim na educação de surdos, contamos com a contribuição de Freire com sua esperança, calcada em nosso compromisso com a educação e pausada nos estudos e experiências de suas concepções, que conseguem ainda hoje nortear nossas ações com vistas a desenvolver o olhar para esta prática educativa.

## A EDUCAÇÃO DE SURDOS E A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

Na teoria da libertação, as experiências de Paulo Freire são constituintes de seu pensamento educacional. Paulo Freire foi exilado por 15 anos, e sobre isto ele escreveu: “Para mim, o exílio foi profundamente pedagógico.”

Freire nasceu em Recife, em 1921, vivenciou a pobreza na infância, cursou Direito em 1943. Em 1946 foi diretor de Educação em Pernambuco, realizou um processo de alfabetização inovador no final dos anos 50 em Angicos no Rio Grande do Norte com 300 cortadores de cana em 45 dias, onde além de ensinar a ler, ensinava também a compreender seu lugar no mundo e transformá-lo. Casou-se com Elza em 1944 (faleceu em 1986), em 1988 casou-se com Ana Maria. Em 1964 foi encarcerado pela ditadura militar por 70 dias. Em seguida foi exilado na Bolívia e no Chile. Publicou em 1967 seu primeiro livro, Educação como Prática da Liberdade.

Em 1968, em um período marcado por levantes, revoluções e guerras no mundo e a decretação do Ato Institucional nº5 (AI-5) no Brasil. Paulo Freire escreveu Pedagogia do Oprimido em várias línguas. O livro foi bem recebido, e Freire foi ser professor em Harvard em 1969. No Brasil, o livro só foi publicado em 1974, período em que Freire mudou-se para Suíça e foi consultor na África. Com a anistia em 1979, Freire retornou ao Brasil em 1980, foi Secretário de Educação de São Paulo entre 1989 e 1991. Morreu em 1997.

No Livro Freire mostra que o oprimido consegue pensar por si mesmo, que tem um lugar de fala e um entendimento sobre sua realidade. Hoje anos depois, este livro continua a ser um dos mais lidos nos cursos de humanidades em todo o mundo, em busca de uma sociedade mais humana e mais fraterna. Uma sociedade onde as práticas humanistas de solidariedade sejam o principal instrumento de inclusão.

A pedagogia da libertação anela um sistema educacional inclusivo, na definição ampla deste conceito, em que todas as crianças possam aprender e respeitar as diferenças existentes entre os alunos e uma metodologia pedagógica que atenda às necessidades de todos os discentes. Numa visão holística, com atitudes dinâmicas, flexíveis, lúdicas, abrangentes. Por uma escola cidadã, livre de preconceitos e limitações, em que a diferença seja respeitada.

Nesse sentido, Perlin e Strobel (2008, p. 41-42) se posicionam “na defesa de uma liberdade social onde o sujeito surdo está presente e se torna capaz

de desvencilhar-se das diversas pressões sociais durante a interação cultural, como no caso, no qual a sociedade lhe impõe o papel de deficiente.”

Nesta perspectiva, Holanda Santos et al. (2017) argumenta que “a luta pela libertação da opressão, a qual esta ligada a uma alienação de saberes, que vem a impedir o homem de ser, passando a apenas reproduzir o que lhe é passado sem que haja uma reflexão.” Portanto, é de suma importância “garantir a todos o direito à autonomia, pois ela é a condição para a liberdade do estudante, que deve ser estimulado a perguntar, criticar e criar, para que se torne apto de agir por si só.” (LIMA ET AL., 2013, p.7)

Deste modo, torna-se importante salientar que a obra de Paulo Freire defensora de uma educação crítica voltada a liberdade, para a transformação social e política, com efeito, é demasiado necessária no contexto de educação de surdos

## METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa proposta é caracterizada como bibliográfica e aponta para uma abordagem de natureza qualitativa, que busca compreender as concepções do educador Paulo Freire para responder às questões levantadas na problemática dos estudos na educação de surdos. Através de uma revisão da literatura que procura conhecer e compreender a repercussão das idéias de Paulo Freire ao romper com paradigmas educacionais tradicionais, e inovar com práticas educativas que oportunizam o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva, o que representa na educação dos surdos um processo educacional numa perspectiva transformadora. Esse trabalho analisa alguns aspectos da pedagogia da autonomia, do oprimido e da libertação a vista do processo da educação inclusiva, em questões de ensino ao estudante surdo. As informações foram obtidas baseadas em livros, artigos e documentos oficiais do renomado Paulo Freire e de outros diversos autores que estudaram sua obra com enfoque na educação especial para alunos surdos.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com, Costa e Turci (2011, p.3773) a educação para todos de Paulo Freire configura-se como uma autentica pedagogia da inclusão expressando toda diversidade que compõe os seres humanos. Visando

beneficiar todos os alunos, portadores ou não de deficiências, ao promover uma abertura incondicional à diferença.

Nas palavras do mestre Paulo Freire, o educador é um eterno pesquisador, problematizador da sua prática, transportado para a educação de surdos, este subsiste na interação e enalço de estratégias que otimize o processo de ensino. Posto que, continuo buscando e,

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1997, p. 29).

Ademais, as concepções de Paulo Freire, contribuem com a educação inclusiva, ao enfatizar o respeito as práticas educativas e a realidade dos educandos, num processo pedagógico em consonância com o cotidiano dos discentes surdos, numa ação educativa diferenciada em deferência aos desafios enfrentados no processo do uso da língua materna do surdo.

Freire (1996) diz que o educador na sua prática deve conhecer o posicionamento dos sujeitos envolvidos. Isto posto, ressalta-se a necessidade de considerar a voz do surdo, e a notoriedade da Libras. Visto que, “a importância da LIBRAS e suas contribuições, fuge-se do possível fatalismo que possa ser relacionado às dificuldades dos surdos, garantindo-se, assim, a esses alunos um processo educativo progressista.” (SANTOS E BORDAS, 2009, p.67)

O verdadeiro educador tem o compromisso de, apesar de todos os obstáculos (e são muitos no contexto da educação de surdos), mostrar as possibilidades da esperança de um processo educativo que construa caminhos comprometidos com o fortalecimento do espaço público, plural, democrático, solidário, em defesa dos grupos oprimidos, contra todas as formas de opressão.

## CONCLUSÃO

O arcabouço teórico de Paulo Freire apesar de não referir diretamente a inclusão escolar, defende uma educação para todos, sem restrições, preconceitos ou discriminação. Esta perspectiva torna explícita a inversão da lógica da exclusão e o suporte para a construção de uma educação integral, na qual é importante considerar a pluralidade existente “nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos

seus desafios. E que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto” (FREIRE, 2006, p. 47-48).

No desafio da escola em trabalhar a pluralidade na educação, o pensamento educativo de Paulo Freire voltado para a educação de surdos, vislumbra a possibilidade de exercitar a consciência crítica, romper com o pensamento de incapacidade e passar a avistar a história e a sociedade a partir de uma perspectiva de mudança. Pois, a partir do momento em que o surdo passa a ter oportunidade de se expressar, por meio da língua de sinais, depende a possibilidade da promoção da autonomia do sujeito surdo.

Portanto, ciente que a “realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.” (Freire, 1979, p. 22). O educador carece conhecer o posicionamento dos sujeitos envolvidos na sua prática educativa, e considerar que para o surdo, a LIBRAS pode assegurar um processo educativo progressista.

Paulo Freire vê a educação como essencial a vida humana. E, em sua opinião, a educação não existe se não estiver sustentada em um processo de ensino e aprendizagem, na medida em que a vida se faz aprendendo e ensinando, numa dinâmica que ocorre de forma constante no dia a dia das pessoas, pois a educação é uma prática permanente na vida do cidadão.

Desta feita, as concepções de PF contribuem com a educação de surdos, à medida que afirma a necessidade de que o aluno tenha autonomia no seu processo de produção e construção do conhecimento, no que assoma para que os surdos sejam capazes de fato fazer parte da sociedade de forma plena e ativa.

Levando em consideração tais aspectos, pode-se concluir que a construção da autonomia do estudante surdo, potencializa suas habilidades, e muda o educador que não apenas educa, mas, enquanto educa, é educado, “em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas.” (FREIRE, 1987, p.39)

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como uma prática de Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

\_\_\_\_\_. Conscientização teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.

\_\_\_\_\_. Ação Cultural para a Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

\_\_\_\_\_. SHOR, Ira. Medo e Ousadia o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1986.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

\_\_\_\_\_. FREIRE, Ana Maria (org). Cartas a Cristina reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª edição. São Paulo: UNESP. 2003.

\_\_\_\_\_. FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

GADOTTI, M. (org). Paulo Freire: uma bibliografia. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GARCIA, Ana Keila Castro, ABREU, Waldir Ferreira de Concepções Inclusivas de Paulo Freire na Educação de Surdos. V Congresso Paraense de Educação Especial. Outubro de 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA

HOLANDA SANTOS, Juciane et al. PENSAR EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM UMA PERSPECTIVA FREIRIANA. Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS, v. 4, n. 2, p. 129, 2017.

LIMA, Ana Virginia Isiano et al. Freire e Mantoan: Diálogos Sobre a Inclusão Digital, Escolar e Social de Estudantes Público-Alvo da Educação Especial. Boletim GEPEP–v, v. 2, n. 03, p. 02-14, 2013.

MIRANDA, Viviane Marques; RESENDE, Dario Leite; SANTOS CORDEIRO, Climéria dos. Reinventando Paulo Freire na educação de jovens e adultos surdos: um relato de experiência. Cadernos de Pós-graduação, v. 16, n. 1, p. 136-162, 2017.

NERI, Isabell; BARROSO, Rennan. Por uma Pedagogia Inclusiva: O Pensamento Educativo de Paulo Freire com Educandos (as) Surdos (as). Litteraonline, v. 9, n. Esp., 2018.

PARO, Vitor Henrique. Autonomia do educando na escola fundamental: um tema negligenciado. Educar em Revista, n. 41, p. 197-213, 2011.

PINTO, Mariê Augusta de Souza; GOMES, Aldalúcia Macêdo dos Santos; NICOT, Yuri Expósito. A experiência visual como elemento facilitador na educação em ciências para alunos surdos. Revista Amazônica de Ensino de Ciências, 2012.

MACHADO, Erica Esch; TEIXEIRA, Dirceu Esdras; GALASSO, Bruno José Betti. Concepção do Primeiro Curso Online de Pedagogia em uma Perspectiva Bilíngue Libras-Português1. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 23, n. 1, p. 21-36, 2017.

NUNES, Sylvia da Silveira, Sylvia et al. Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues? Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 3, Setembro/Dezembro de 2015: 537-545, 2015.

Perlin, G., & Strobel, K. (2008). Fundamentos da educação de surdos. Florianópolis, SC: UFSC .

QUADROS, Ronice Müller. A educação de surdos na perspectiva da educação inclusiva no Brasil. Revista Espaço, p. 14-19, 2008.

ROMAO, José Eustáquio. Paulo Freire e a imagem. In: Educação & Linguagem, v. 13, n. 22, p. 77-97, jul.-dez. 2010.



SANTOS BARROSO, Rennan Alberto dos. O Pensamento Educativo de Paulo Freire na Educação de Surdos. Anais do IV CINTEDI – Congresso Internacional de Educação Inclusiva, 2020.

SANTOS, Adriana Dantas Wanderley dos BORDAS, Miguel Angel Garcia. A Educação do Surdo e a Pedagogia Freiriana. Anais do V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educacao Especial, Londrina PR, 2009.

TURCI, Paulo Cesar; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Inclusão escolar na perspectiva da educação para todos de Paulo Freire. VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM ED

VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L; LURIA, A.; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1988

WREGE, Mariana Guimarães et al. A Linguagem do Educador e a Autonomia Moral. Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 6, n. 2, p. 115-132, 2014.

ZUCOLOTTO, Marcele Pereira da Rosa; RUIZ, Luciana Rodrigues; PINHEIRO, Najara Ferrari. REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM, SOCIEDADE E SURDEZ. Revista Uniabeu, v. 12, n. 30, p. 134-147, 2019.